

AS OPERAÇÕES SAAL

Portugal 2007 | 120' | Cor | Documentário

Argumento, Realização, Montagem: João Dias

Assistente de Realização: Leonor Noivo

Imagem: Leonor Noivo, João Gomes, João Dias

Banda Sonora: Vítor Rua

Assist. Montagem: Edgar Feldman, João Gomes

Misturas: Tiago Matos, MOS

Produção: OPTEC FILMES

Produtor: Abel Ribeiro Chaves

Diretora de Produção: Maria de Lurdes Oliveira

*Só as casas solidárias têm história / Giram na noite presas / à face da terra **

Ao derrube da ditadura sucede a urgência da sua completa refutação. Nos primeiros meses do novo governo revolucionário, decisivos para a sua consolidação, impunha-se mostrar como as 'inevitabilidades' apregoadas pela retórica do Estado Novo eram armaduras forjadas para escudar os privilegiados do regime. Para isso era necessário, sem hesitações, pôr no terreno as políticas capazes de animar um sentimento de esperança - que nada tinha de lírico, mas de apelo ao combate - em torno do qual se mobilizassem as populações contra a inevitabilidade da pobreza, do analfabetismo, do trabalho infantil, da vida nas barracas, da guerra, do Tarrafal.

Lançado durante a vigência do II Governo Provisório, o Serviço Ambulatório de Apoio Local não foi o único, mas foi certamente o mais icónico programa de refutação da ditadura na área das políticas habitacionais.

O número extraordinário de operações do SAAL que se multiplicam rapidamente por todo o país, explica-se, como é evidente, pela desesperada situação de milhares de famílias alojadas em condições degradantes. Mas isto não é tudo, e do ponto de vista estritamente revolucionário, será certamente muito pouco. Na adesão massiva em torno do SAAL (que levaria mais tarde à sua literal apropriação pelos destinatários), cabe um papel determinante à formulação do próprio Decreto Lei que cria o Serviço, onde em palavras simples e inequívocas, se definia o objectivo de apoiar "as iniciativas de populações mal alojadas, no sentido de colaborarem na transformação dos próprios bairros". Esta breve citação representa uma das maiores e mais nobres expressões da revolução portuguesa, e vinha impôr-se, depois dos 48 anos de ditadura, em contraste gritante face às políticas que protagonizavam a expulsão das comunidades dos territórios onde se encontravam estabelecidas, em muitos casos há gerações.

Que as propostas do SAAL não fossem politicamente neutras, seria uma aprendizagem adquirida pelas populações a cada etapa do percurso. Partir daqui, para acusar o SAAL de aprisionamento pelas agendas político-partidárias, foi um pequeno passo. Um passo leviano e desonesto, estimulado pelas vozes que se entregavam, na imprensa e no parlamento, ao 'uso calculado da indignação'.

O 'sucesso meteórico' do SAAL ditou o seu desfecho trágico, com obras interrompidas, equipas técnicas vilipendiadas, populações abandonadas à sua sorte. A destruição do SAAL e o amesquinamento das suas conquistas é o resultado de um confronto político, não restem dúvidas sobre isto. A sua refutação metodológica e social, a par da menorização do volume e qualidade dos bairros construídos carece, ainda hoje, de uma demonstração cabal.

O SAAL é irrepetível. Certamente. Esta evidência banal vem sossegando as consciências. Mas a questão que desde há muitos anos se coloca, e que hoje deveria causar um sobressalto, é a de assumir, de uma vez por todas, as razões profundas que explicam os erros dramáticos dos programas públicos de realojamento sucedâneos. As bárbaras demolições dos bairros informais, a destruição dos laços gregários no interior das comunidades, a sua remoção para lugares marginalizados face à cidade, ou a rápida degradação dos bairros construídos para realojamentos em massa e a baixos custos, são apenas a ponta do véu de uma nova lista de ‘inevitabilidades’.

Para compreender seriamente os erros cometidos nos programas de habitação característicos do pós-25 de Abril, é necessário um esforço de revisitação. Não se trata de alimentar a nostalgia bacoca dos ‘amanhãs que cantam’, mas de perceber, cada vez que se discutem políticas públicas de promoção habitacional, da necessidade de escutar o que nos conta a experiência do SAAL. É exatamente o que reclama aquela formulação curiosa, tão emotiva quanto desarmante, que escutamos em determinada passagem do filme: “Não ter em linha de conta isto (o SAAL), é uma coisa escabrosa. Escabrosa porque, culturalmente, nós estivemos muito adiantados, e não podemos hoje reagir como se fôssemos um país de totós, que nunca se tivesse preocupado com isto!”.

Revisitar o SAAL foi a tarefa a que me dediquei entre 2007 e 2009. Perante a escassez de bibliografia existente na altura, o trabalho de pesquisa levou-me irremediavelmente ao encontro da história na memória disponível dos seus protagonistas e lugares, numa longa sucessão de visitas, ao volante de um velho Seat, munido de uma câmara e um par de microfones.

As visitas aos bairros e às casas do SAAL (que percorria com a solenidade de quem se abeira de um monumento) e a recolha dos testemunhos de inúmeros protagonistas da altura (a quem reconhecia o estatuto de heróis), causaram-me sempre uma profunda impressão. Acredito que o filme esteja marcado pelo entusiasmo desses dias em que me imaginava tocar a matéria mesma da revolução portuguesa. Ao caudal de informação torrencial e informe que chegava à mesa de montagem, associava-se a indescritível felicidade de realizar, e tudo isso me deixava num estado invulgar de sobre-excitação.

No trabalho de montagem, a memória feliz desses dias terá cristalizado o filme na forma da própria pesquisa: fragmentada, minada por elementos contraditórios, parcial, provisória. Assim, recusando sempre os balanços conciliatórios e as formulações peremptórias, ao longo do trabalho de montagem preferi sempre entregar-me ao convívio com as contradições no seio do povo, dedicar-me ao culto das memórias seletivas, permitir-me atribuir aos mal-entendidos o valor de teses, divertir-me com os relatos enviesados, construir argumentos para desfrutar do gozo promíscuo de os demolir, atirar lenha na fogueira dos conflitos, deliciar-me com truculências, instigar quezílias e desentendimentos: entre moradores e arquitetos, entre arquitectos e coordenadores do Serviço, entre coordenadores e o Secretário de Estado, entre o Secretário e o Ministro, num jogo de todos contra todos, através do qual ia submetendo o SAAL a uma implacável prova de esforço. Resistiria? Sem dúvida. E quando se escreveu, a respeito do filme, que “o seu ar caótico, acabava por jogar a seu favor”, não pude deixar de esboçar um sorriso.

Hoje, quase 15 anos depois da estreia do filme, que me ocorre ainda dizer? Que percorri os bairros, que escutei os moradores, que entrei nas suas casas solidárias e cheias de história, que vi como resistem ao tempo, como “giram na noite / presas à face da terra”. Essa resistência foi desenhada no processo. O processo a que Nuno Portas decidiu atribuir o revelador e inusitado título de: ‘cooperação-conflitual’.

João Dias

** As casas constroem-se de sombras / quatro sombras ao alto / longe da esfinge dos astros / Falamos das cidades / dos homens que de tão sós / as despovoam / Das casas nunca / Só as casas solidárias têm história / Giram na noite presas / à face da terra / E vede / A plasticidade das casas / à porta / a incomunicabilidade das casas / sob os bombardeios. (A Noite Dividida, Sebastião Alba)*

SAAL OPERATIONS

Only compassionate houses have history / They spin in the night trapped / on the face of the earth *

The overthrow of the dictatorship was followed by the urgency of its complete refutation. In the first months of the new revolutionary government, which were decisive for its consolidation, it was necessary to show how the 'inevitable' proclaimed by the rhetoric of the new regime were forged armor to shield the regime's privileged. It was necessary, without hesitation, to establish policies capable of encouraging a feeling of hope - which had nothing lyrical about it, but rather a call to arms - around which the population could mobilize against the inevitability of poverty, illiteracy, child labour, life in shacks, war and Tarrafal.

Launched during the II Provisional Government, the Ambulatory Local Support Service was not the only one, but it was certainly the most iconic program to refute the dictatorship regarding housing policies.

The extraordinary number of SAAL operations, which were rapidly multiplied throughout the country, was obviously explained by the desperate situation of thousands of families that lived in degrading conditions. But this argument is not meaningful enough, and from a strictly revolutionary standpoint, it is certainly very little. In the massive support for SAAL (which would later lead to its literal appropriation by the beneficiaries), a decisive role was played by the very wording of the law decree that created the Service, which in simple and unequivocal words defined the objective of supporting "the initiatives of poorly housed populations, in order to collaborate in the transformation of their own neighborhoods". This brief quotation condenses one of the greatest and noblest expressions of the Portuguese revolution, and was imposed after 48 years of dictatorship, in stark contrast to the policies that led to the displacement of these communities from territories where they had been established, in many cases for generations.

The fact that the SAAL proposals were not politically neutral would be a lesson learned by the population at every stage of the process. However, to go from here to accusing SAAL of being trapped by political agendas would be a quick step. A frivolous and dishonest step, encouraged by voices in the press and in parliament that were indulging in the 'calculated use of indignation'.

The 'meteoric success' of SAAL dictated its tragic outcome, with works interrupted, technical crews vilified, and populations abandoned to their fate. The destruction of the SAAL and the undermining of its achievements is the result of a political confrontation, let there be no doubt about that. Its methodological and social refutation, along with the downgrading of the volume and quality of the neighborhoods built, still needs to be fully proven today.

SAAL is unrepeatable. It surely is. This ordinary evidence has soothed consciences until now. But the question that arose for many years, and which today still cause a stir, is to assume, once and for all, the profound reasons that explain the dramatic errors of all the public rehousing programs that followed it. The barbaric demolitions of informal neighborhoods, the destruction of gregarious ties within communities, their removal to marginalized places in the city, or the rapid degradation of neighborhoods built for mass, low-cost rehousing, are just the tip of the veil of a new list of 'inevitable'.

In order to seriously understand the mistakes made in the housing programs characteristic of the post-25th of April period, we need to try to revisit them. It's not a question of indulging in nostalgia for the 'tomorrows that sing', but of realizing, every time we discuss public policies for housing development, the need to listen to what the SAAL experience tells us. This is exactly what is called for in that curious formulation, which is as emotional as it is disarming, that we hear in a certain passage of the film: "Not taking this (the SAAL) into account is a scabrous thing. It's scandalous because, culturally, we've come a long way, and we can't react today as if we were a country of nerds who had never worried about this!".

Revisiting SAAL was the task I dedicated myself to between 2005 and 2008. Given the lack of existing bibliography at the time, the research work led me no choice but to find history in the available memory of its protagonists and places, in a long succession of visits, at the wheel of an old Seat, equipped with a camera and a pair of microphones.

The visits to SAAL neighborhoods and houses (which I toured with the solemnity of someone approaching a monument) and the collection of testimonies from countless protagonists from the time (whom I recognized as heroes), always made a deep impression on me. I believe that the film is branded by the enthusiasm of those days when I imagined myself touching the very fabric of the Portuguese revolution. The torrential flow of information that arrived at the editing table was combined with the indescribable joy of making it, and all this left me in an unusual state of over-excitement.

In the editing process, the happy memory of those days will have crystallized the film in the form of the research itself: fragmented, contradictory, partial, provisional. Refusing conciliatory balances and peremptory formulations, throughout the editing work I always preferred to give myself over to living with the contradictions within the people, to dedicate myself to the cult of selective memories, to allow myself to give misunderstandings the value of thesis, to have fun with biased accounts, to build arguments in order to enjoy the promiscuous fun of demolishing them, to throw fuel on the fire of conflicts, to delight in truculence, to instigate bickering and disagreements: between residents and architects, between architects and service coordinators, between coordinators and the Secretary of State, between the Secretary and the Minister, in a game of all against all, through which I subjected SAAL to a relentless test of effort. Would it resist? Undoubtedly. And when it was written about the film that "its chaotic air ended up playing in its favor", I couldn't help but smile.

Today, almost 15 years after the film's premiere, what can I still say? That I walked through the neighborhoods, that I listened to the residents, that I entered their houses of compassion and full of history, that I saw how they resist time, how they "spin in the night / stuck to the face of the earth". That resistance was drawn out in the process. The process to which Nuno Portas decided to give the revealing and unusual title: 'conflictual cooperation'.

João Dias

* Houses are built of shadows / four shadows high up / far from the sphinx of the stars / We speak of cities / of men who are so alone / they depopulate them / Of houses never / Only solidarity houses have a history / They spin in the night trapped / on the face of the earth / And look / at the plasticity of the houses / on the doorstep / the incommunicability of the houses / under the bombings. (A Noite Dividida, Sebastião Alba)